



**Simpósio Internacional**

# Pensar e Repensar, a América Latina

Comemoração dos **25 anos**  
do Programa de Pós-Graduação Interunidades  
em Integração da América Latina

**PROLAM – Universidade de São Paulo**

**11 a 14 de Novembro de 2014**

**Auditório István Jancsó-**

Complexo Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin

Rua da Biblioteca s/n – Cidade Universitária – São Paulo (ao lado da Reitoria)

**ANAIS**

**Rios de tempo, rios de sangue! A contenda por Perón no romance de Tomás Eloy  
Martínez**

**Rivers of time, rivers of blood! The strife for Perón in the romance of Tomás Eloy  
Martínez**

**Rodrigo Medina Zagni**

Doutor em Integração da América Latina pela Universidade de São Paulo (PROLAM-USP)

Docente do curso de Relações Internacionais da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP)

E-mail: rodrigo.medina.unifesp@gmail.com

**Resumo:** Tendo como tema a disputa pela imagem do maior líder político argentino de todos os tempos, Juan Domingo Perón, quando de sua volta à Argentina em 1973 após 18 anos de exílio, este trabalho tenta identificar, no romance de Tomás Eloy Martínez, como foram representados tanto Perón quanto os grupos que entraram na contenda por sua imagem, orientados por quais interesses, com que dimensão de influência e com quais perspectivas de ação concreta para ultimar sua vitória, no limite entre ficção e História.

**Palavras-chave:** Juan Domingo Perón; Peronismo; Argentina.

**Abstract:** With the theme of the contest for the picture of the largest Argentine political leader of all time, Juan Domingo Perón, with his return to Argentina in 1973 after 18 years of exile, this paper tries to identify, in the novel by Tomás Eloy Martínez, how were represented as both Perón and the groups who entered in the contest for his image, guided by which interests, with what dimension of influence and concrete prospects actions to finalize his victory at the boundary between fiction and history.

**Keywords:** Juan Domingo Perón; Peronism; Argentina.

- Olhem para ela – aponta o general. – Vejam aqueles olhos. Ocupam quase toda a cabeça. São olhos muito estranhos, cada um com quatro mil facetas. Captam a realidade em quatro mil pedaços diferentes. Minha avó Dominga era

muito impressionada com isso. ‘Juan’, ela costumava me dizer, ‘o que a mosca vê? Quatro mil verdades, ou uma verdade dividida em quatro mil pedaços?’ (MARTÍNEZ, 1988, p. 226)

A pergunta parece ingênua tomada dos lábios da personagem Dominga Dutey, uruguaia descendente de nobres franceses e avó de Perón, mas revela-se complexa e transtornadora se transportada para o romance onde Tomás Eloy Martínez parece ser a mosca que observa a verdade em quatro mil pedaços, ou que vê quatro mil verdades.

O romance histórico de Perón está estruturado a partir de verdades fragmentadas pelos múltiplos pontos de vista dos vários grupos a partir dos quais são referidas e que compõem, sutilmente articulados, os capítulos da obra. O peronismo segundo Martínez é multifacetado e tudo nele parece caber, podendo ser determinado a partir dos diversos grupos que o compõem, produzindo interpretações drasticamente distintas, exatamente o que parece ter procurado explorar na obra *O romance de Perón*, e é a partir desta lógica que o analisaremos. O autor transporta o leitor a diferentes locais, diferentes pontos de vista e diferentes períodos: a única forma possível de entender o fenômeno do peronismo, tomando-o não como uma matéria una, mas a partir da manifesta capacidade de abarcar em seu conjunto teórico e ideológico grupos de matizes tão divergentes, de tonalidades suavemente distintas ou brutalmente equidistantes, o que provocou em torno da imagem de Perón uma guerra fratricida pela hegemonia de “determinado peronismo”, acentuadamente em 1973, com a expectativa dos dias que antecederam a renúncia de Héctor Câmpora e a volta do general, e que se materializou na tragédia assistida no aeroporto de Ezeiza onde a contenda por Perón culminou num massacres de civis.

O leitor adentra ao romance de Martínez pelos olhos estranhos de quatro mil faces da mosca. Isso é experimentado em todos os capítulo do romance, cada qual uma face de uma verdade maior, ou uma verdade constitutiva de muitas outras. Não fosse pelos sóbrios conselhos de Louis W. Goodman (MARTÍNEZ, 1988, p. 375), que o convenceu a poupar os leitores reduzindo seu romance de quase 2 mil para 376 páginas, talvez Martínez tivesse de fato nos levado a experimentar algo em torno de 4 mil faces do peronismo.

Tomás Eloy Martínez, jornalista e escritor, teve uma longa história pessoal com o peronismo: durante a ditadura viveu na Venezuela de onde assistiu o conturbado período que levou à queda do regime peronista no dia 19 de setembro de 1955; como editor da revista

*Primeira Plana* propôs, entre 1965 e 1967, uma história crítica do movimento peronista que chegou ao leitor comum na forma de fascículos semanais. Logo em seguida, do final da década de 1960 ao início dos anos 1970, esteve em Madri onde somou cerca de 220 horas de entrevistas com Perón, na quinta onde o general despojado de sua patente amargava o exílio esperando pela morte. As entrevistas são mencionadas no próprio romance, onde o narrador aparece então como uma espécie de “eu transcendental” do autor.

*O romance de Perón* levou três anos para ser escrito. Terminado em 1985 e editado em 1988, desenhou uma biografia desautorizada de Perón, tratando-se de um romance histórico, claro representante de uma categoria literária que tentava recriar experiências históricas a partir de uma narrativa ficcional, tornando os limites entre História e ficção quase indistintos para o leitor “não-iniciado”. Na qualidade portanto de ficção o autor deixa de ter qualquer obrigação em apresentar fundamentos empíricos para seus argumentos, tanto quanto rigor metodológico, na própria falta de uma definição de verdade em História ou mesmo na incapacidade desta em resgatá-la em sua totalidade (senão em verdades potenciais ou possíveis), passando a construir, no lugar: cenários, contextos e tramas históricas verossímeis. A narrativa ficcional, longe de ser História e despreziosa de sê-la, alude a ela para a construção do que diríamos “espaço negativo”, ou fundo, se estivéssemos tratando de uma pintura.

O autor lança mão de todos os recursos que tem à disposição para inserir o leitor na cena por meio de uma narrativa ativada com técnicas de jornalismo que produzem, a partir do uso de uma ordem direta, constituída por parágrafos curtos, resumidos e que dialogam diretamente com o leitor, uma impressão de verdade. O autor utiliza uma escrita envolvente articulada a uma leitura ágil que corrobora na inserção do leitor, por meio da narrativa, numa penumbra onde os limites entre história e ficção normalmente se confundem. Na literatura, o efeito que o *trompe oeil* provoca na pintura.

Retomar o tema depois de 69 anos da primeira manifestação peronista na Argentina, após 59 anos da queda do regime de Perón, 62 anos após a morte de Evita, 4 anos após a morte do próprio Tomás Eloy Martinez e quando ainda o peronismo é a força política mais importante da Argentina, é essencial para entendermos parte de um processo cujo nexos estrutural de sentido está conectado em uma extremidade à fenômenos políticos semelhantes na América Latina e no mundo, praticamente no mesmo período, o que denuncia anseios populares por mudanças na

estrutura política e social de Estados carcomidos pelos particularismos de aristocracias e interesses de grupos política e economicamente em condição de poder; e na outra ao arquétipo de Juan Domingo Perón, uma das tantas esfinges da nossa contemporaneidade.

A década infame de 1930, marcada pela instabilidade decorrente de golpes internos, durou na Argentina até pelo menos 1943, havendo portanto 13 anos de sucessões presidenciais que determinaram uma total paralisia de instituições políticas e econômicas. Exatamente nesse período se formou um grupo, dentro das forças armadas nacionais, de oposição à elite militar que conduzia o caos político daquela década. Tratava-se do GOU<sup>1</sup>, do qual fazia parte Juan Domingo Perón. O grupo originalmente formado por 19 oficiais se opunha ao comunismo e aos políticos tradicionais, preconizando o estabelecimento de uma nova doutrina política e militar que a partir de idéias patrióticas, em pouco tempo, foi conquistando outros tantos jovens oficiais. Já no final da década infame os oficiais do GOU mantinham intrínsecas relações com militares de países fascistas e, em 1943, com a Segunda Guerra Mundial em pleno curso, o golpe dado na Argentina coincidiu com o esforço do Eixo em cooptar ideologicamente repúblicas sul-americanas, não só a partir das colônias germânicas existentes nesses países onde agentes infiltrados da Gestapo começaram a operar pelo menos desde 1935, mas por conta de uma já estabelecida tradição de formação militar germânica para oficiais argentinos.

O grupo de Perón acusava os militares que conduziam a Argentina de “aliadófilos”, enquanto o GOU declarava-se pró-fascista. A origem desse posicionamento ideológico por parte de grupos de dentro do exército remonta ao início do século XX, com o fechamento das escolas militares na Argentina por conta de problemas de desobediência e insubordinação organizadas. Os aspirantes a oficiais passaram a ser enviados aos EUA, França e Alemanha para cursarem suas respectivas academias militares, o que por si só conformava, quando do seu regresso, grupos divergentes entre os oficiais já formados, não só pelas diferenças teóricas em sua formação, mas por clivagens ideológicas igualmente díspares. A situação agravou-se em 1916 com a reformulação total dos comandos militares, período em que jovens oficiais sem nenhuma formação receberam promoções imediatas para postos de comando e passaram, a partir de então, a ascender naturalmente na carreira. Acentuou-se uma cisão ainda mais brutal no oficialato

---

<sup>1</sup> O “Grupo de Oficiais Unidos”, “Grupo de Obra e Unificação” ou “Grupo Organizador e Unificador”, nem mesmo os manuais de História da América Latinas entram num consenso quanto ao seu significado.

argentino, originando grupos de oficiais rivais dentro do próprio exército: aqueles que não haviam passado por cursos de formação, incumbidos dos quartéis; e os oficiais com formação estrangeira, que comandavam tropas operacionais, inclusive na inteligência do exército. De certa forma o golpe de 1943, perpetrado por um grupo de oficiais do exército que subjugou outro grupo de militares no poder, conformou uma ação prática que acabou denunciando em última instância o ponto máximo de tensão alcançado pelas clivagens ideológicas dentro das forças armadas argentinas.

Com o estabelecimento do governo revolucionário pelo GOU, Perón, após um período como secretário do Trabalho e Previdência Social, foi nomeado vice-presidente da República e Ministro da Guerra, além de continuar acumulando a pasta da Secretaria do Trabalho. No caso argentino, com um governo militarizado num mundo em guerra, tratava-se de uma posição privilegiadamente controladora para o jovem oficial. Sua conduta e os cargos acumulados deram-lhe projeção e visibilidade e, em 1946, Perón se tornou o presidente de 14 milhões de argentinos, assumindo o mandato pela segunda vez em 4 de junho de 1952 e permanecendo no poder até 1955, quando foi derrubado por um golpe que o obrigou a renunciar. Nos 9 anos em que governou a Argentina confrontou-se com poderes já arraigados como a Igreja, chegando a autorizar a dissolução de matrimônios e a determinar a abertura de prostíbulos. Retornou ao poder somente 18 anos depois, em 1973, após um período breve de exílio na República Dominicana e uma longa estada em Madri.

Após ser destituído do poder pensava-se que o exílio de Perón seria breve, mas depois da primeira década na Espanha ficava cada vez mais evidente que sua volta seria, no mínimo, improvável. Mas a Argentina que perdia Perón ganhava o movimento peronista! Proscrito até pelo menos 1965, o movimento que adotou o codinome de “justicialista” ganhou diversos setores da sociedade argentina. A CGT e os principais sindicatos, que após a queda de Perón passaram a sofrer intervenções diretas do Estado, permaneceram peronistas enquanto o justicialismo se reestruturava. Em Madri, durante todo esse tempo, imperava o silêncio; não houve, em 18 anos, nenhum pronunciamento oficial de Perón, limitando-se o general, cuja patente fora-lhe negada por 8 governos consecutivos, ao exercício reflexivo das correspondências que trocava. Respondia as cartas de desde as mais proeminentes figuras do cenário político, que lhe pediam conselhos e pareceres sobre os mais diversos problemas, até de cidadãos comuns, que se

gabavam nas discussões políticas cotidianas de possuírem uma carta pessoal do general, e via de regra os assuntos em discussão eram encerrados quando, com um ar de superioridade, alguém sacava do bolso uma carta de Perón.

Em 1971 a Argentina devolveu a Perón, por ordem do presidente Alejandro Lanussi, o que de mais valioso havia sido-lhe roubado, não o poder político ou a patente de general: o cadáver de Evita após 15 anos de paradeiro incerto, período em que esteve escondido, com outro nome, em um cemitério de Milão. O corpo embalsamado da segunda mulher de Perón permaneceu desde então no sótão da quinta em Madri, fazendo-lhe companhia diária no silêncio daquele claustro. Silêncio que foi rompido com a vitória, nas urnas, de Hector Câmpora nas eleições presidenciais de 1973, cuja plataforma política propunha pedir a própria renúncia após promover a volta de Perón à Argentina reconduzindo-o, desta forma, aos braços do povo que o colocaria novamente no poder aos 77 anos de idade.

No aeroporto de Ezeiza, dois milhões de pessoas que aguardavam a volta do general Juan Domingo Perón. Iniciamos a análise exatamente no palco onde a extrema esquerda e a direita, ambas reivindicando para si o peronismo e a imagem do líder, se confrontaram após uma covarde investida dos grupos conservadores ligados ao secretário José López Rega, braço direito do general. Seus asseclas teriam desfechado disparos contra a população que tomava as imediações do aeroporto e se aglomerava ao redor de um palco onde esperavam ver o general acenando-lhes após seu regresso. O alvo: grupos da esquerda peronista. Os resultados: 13 mortos e 365 feridos, de acordo com veículo de imprensa, o que nunca pôde ser confirmado uma vez que não houve investigação formal desses eventos. Há relatos de espancamentos e de jovens arrastados após serem agredidos a golpes de corrente, além de cadáveres encontrados enforcados nas árvores ao longo das estradas de acesso ao aeroporto, militantes ligados à esquerda peronista.

Como resultado o avião que trazia Perón foi “obrigado” a pousar em uma base militar segura em Morón. O general enfim voltava à pátria! Câmpora renunciou e as eleições foram enfim convocadas, levando Perón a uma esmagadora vitória; seu governo relâmpago teve fim no ano seguinte, com a morte de um Perón já entregue à velhice e o governo assumido por sua terceira esposa, Isabelita, sucessora de Evita, durou somente até 1976, ano em que a Argentina assistiu a um novo golpe militar que a destituiu do poder definitivamente e lhe impôs a volta ao exílio em Madri, de onde nunca mais regressou senão para poucos meses de férias.

Mas o que nos interessa de fato é o dia mais curto de 1973: o 20 de junho, o dia do regresso de Perón à Buenos Aires, o marco do fim de seu exílio, o dia do massacre em Ezeiza. No avião que trazia o general, Martínez situa, sentado impacientemente em sua poltrona, um Perón que se defrontava com um peronismo que já não era mais seu: extremistas invadiam fábricas, molestavam sindicalistas e atentavam contra o exército evidenciando que o movimento havia se distanciado demais de sua figura fundacional: Perón. O homem imerso em pensamentos, que naturalmente relutava em arrancar as raízes que havia fincado em Madri, seu lar durante quase duas décadas, iria se deparar com os ultras que ao se infiltrarem no movimento peronista passariam a ameaçar a estabilidade do novo governo de Perón pois ao descontentarem as forças armadas nacionais poderiam desencadear um novo golpe militar.

Mostrava-se de forma cada vez mais evidente que o peronismo havia se tornado difícil de se operar, em termos práticos, isso por conta de sua natureza multifacetada. O movimento peronista havia abraçado até ali interesses de distintas classes sociais, componentes de vários grupos não raras vezes rivais, o que tornou impossível não provocar cisões dentro do movimento. Tirá-los à força, qualquer grupo, desgastaria ainda mais a imagem de Perón, esta que deveria ser preservada a qualquer custo. As invasões às fábricas e os distúrbios assistidos na Argentina no início da década de 1970 são atribuídos a grupos guerrilheiros que reivindicavam para si o peronismo. No “Romance de Perón” (MARTÍNEZ, 1988, p. 50) o general atribui a Cãmpera o dever inicial de tê-los freado quando assumiu a presidência da Argentina: não o fez, e a tarefa parecia agora impossível para Perón, que deveria então lhes apontar o caminho.

Cãmpera teria ainda conquistado o ódio dos próprios peronistas que haviam feito-lhe candidato, não só pela demora em renunciar - com ares de que desejava permanecer no poder -, mas pelo nepotismo que praticou no pouco tempo em que governou, empregando em altos escalões governamentais seus próprios filhos: o peronismo tinha-o como traidor e poderia de um dia para o outro tirá-lo do poder.

Definitivamente, tanto o Perón descrito por Martínez com o Perón de fato haviam se afastado dos projetos revolucionários que visavam transformar a Argentina em uma pátria socialista: tratava-se de um conciliador antirrevolucionário. As tensões resultantes do distanciamento de classes na sociedade argentina não confluíam para a luta de classes, não para o general que voltava ao poder aos 77 anos de idade. “- O raciocínio é simples – explicara-lhe



Perón. – Precisamos escolher entre o tempo e o sangue. Se quisermos rapidez, necessitaremos de rios de sangue. Quanto a mim, prefiro que caminhemos sobre rios de tempo" (MARTÍNEZ, 1988, p. 50). Ironicamente era o tempo que o general, aos 77 anos de idade, não tinha para operar as mudanças necessárias na política, economia e sociedade argentina.

No romance de Martínez o resultado pela contenda por Perón já estava dado, desde o início, em favor dos setores conservadores do movimento. A esquerda revolucionária, os grupos guerrilheiros, os projetos socialistas, não estavam mais na ordem do dia daquele que em abril de 1973 triunfaria nas eleições presidenciais argentinas. Sua plataforma de governo teria como um dos pontos principais promover uma reaproximação do peronismo com os setores militares, o que implicava em empreender apenas reformas lentas e gradativas, não traumáticas que pudessem de alguma forma tratorar as relações entre o líder político argentino e a única instituição capaz de privar-lhe mais uma vez do poder.

O Perón descrito por Martínez alegava não ter enganado os setores esquerdistas do movimento peronista, mas que estes comumente insistiriam em enganar-se com a sua imagem, que na emblemática metáfora disposta em um diálogo, posta na boca de Perón como metáfora, o associou a um “leão sem dentes”, uma fera herbívora que não enganava a mais ninguém a não ser aqueles que faziam questão de se enganar. Trata-se do discurso do Perón militar defensor das instituições, filho do Exército argentino, não do revolucionário que inverteria a ordem social constituída. Por que então uma contenda por Perón, se a supremacia dos grupos conservadores e reacionários de dentro do peronismo já estava estabelecida para o general, na concepção romantizada de Martínez? A resposta é que se os grupos de extrema esquerda de dentro do peronismo saíssem às ruas exigindo as mudanças necessárias ao estabelecimento de uma maior justiça social, nem que isso passasse pela via revolucionária, bastaria para ganhar o apoio das massas populares. Ganhariam assim o apoio de Perón, incapaz de contestar o movimento revolucionário e opor-se com isso ao vagalhão das massas. Seriam vertidos aí rios de sangue! As favas com o tempo! Para onde soprar o vendaval, para onde irá o general.

Filho Ilustre da América, Herói Bolivariano, Senhor Benfeitor. Ouça-o falar aqui contra as conspirações do comunismo internacional, e ali adular Fidel Castro e Che Guevara. O general é uma eterna contradição da natureza, um corpo de urso com um bico de ave de rapina, uma colheita de trigo no mar. (MARTÍNEZ, 1988, p. 274)

Martínez entrelaça numa linguagem não linear a articulação simultânea dos grupos que decidiriam o destino da própria Argentina, fundamentalmente aquele que primeiro ganhasse, pela força do número ou pela habilidade no artil, o apoio do general. Para os grupos fascistas de dentro do próprio peronismo era preciso guardar Ezeiza dos militantes de esquerda; para os militantes de esquerda era preciso conquistá-la.

Determinar Perón como homem e como líder político é uma tarefa que passa obrigatoriamente pela mais expressiva de suas faces constitutivas: a militar; tanto sua personalidade quanto a concepção militarizada de relações políticas que predominou no governo de Perón dialogavam diretamente com o seu passado militar. Perón era o Exército e o romance de Martínez (1988, p. 173) determina o momento exato onde seu eu foi anulado para dar lugar à encarnação da arma de guerra argentina:

Quanto mais Juan Domingo se convertia no zero do zero, mais o Exército argentino se transformava no universo, na realidade, no envoltório do eu. Era o futuro, o único possível; era seu corpo, tatuado pela obediência, já incompreensível sem o uniforme. Como necessitava suprimir o passado, o Exército ocupou todo o lugar disponível.

A gênese desse processo teve início no dia 1º de dezembro de 1910, quando prestou exame para admissão ao Exército; e no dia 1º de março de 1911, quando foi incorporado como cadete em San Martín, lugar onde tomou as primeiras lições para liderar homens. Foi promovido a subtenente no dia 18 de dezembro de 1913, em fins de 1915 a tenente, em 1926 a capitão, em 1931 a major, em 1938 já era tenente-coronel e em 1944 coronel. As patentes levaram-no a general, e de líder de tropas passou a conduzir toda uma nação.

Para tratarmos de uma disputa por sua imagem, contenda em que a vitória garantiria ao grupo vencedor hegemonia dentro do próprio movimento e assim na política argentina, devemos primeiramente determinar exatamente que imagem estava em disputa.

Tratava-se de uma imagem construída pelos biógrafos que tentavam interpretar os fatos disponíveis como se pudessem chegar a uma verdadeira essência de Perón, buscando-lhe um sentido, que quando pensou-se ter-se alcançado correspondia mais a uma estrutura pré-compreensiva de Perón e edificada tanto a partir de uma historicidade já própria ao seu arquétipo, como à visão de mundo do escritor.

Seu biógrafo oficial era também seu secretário, José López Rega, mencionado a todo momento no romance com as anotações de suas *Memórias* embaixo do braço, tão raras a Perón que via ali, na construção artificial de suas linhas, a si mesmo, como um espelho distorcido de uma realidade ficcional como o próprio *Romance de Perón* assumidamente é. Em 1973 as *Memórias* eram revisadas por Perón, tendo algumas passagens sido transcritas no romance de Martínez, que pôs o leitor em contato direto com o processo de construção de sua imagem por seu biógrafo oficial. As *Memórias* eram propostas como “. . . a cruz que faltava à igreja peronista” (MARTÍNEZ, 1988, p. 51) com sua mesma função contemplativa, reverencial e ritual mágico-religiosa, na qual o sacerdote era o próprio mártir-vivo.

A manipulação de suas *Memórias* tinha a finalidade de alinhá-las sob uma perspectiva de caráter exemplar-pedagógico, normatizador de condutas, princípios e valores ético-morais. Nesse processo hermenêutico as massas deveriam se reconhecer no passado de Perón, para que nele encontrassem seu presente e a partir somente dele vislumbrassem o porvir, como o futuro da própria Argentina. Mas não é a Perón que abraçariam na leitura de sua biografia, senão uma imagem distorcida construída pela modelação de seu passado. O biógrafo é o pintor que desenha um retrato onde o corpo e os músculos são a massa uniformizada pelo reconhecimento comum, que teve lugar no passado de seu líder máximo e único; Perón é o cérebro que o movimenta.

Martínez, mesmo tratando de López com a desobrigação que comodamente a ficção lhe dá, empreendeu-lhe uma severa crítica. Na ficção, o personagem López, que na realidade foi o biógrafo oficial de Perón, não inventou apenas documentos cuja finalidade seria a de suprimir as lacunas de um passado naturalmente sombrio, que deixa espaços vagos pela própria impossibilidade de a memória a tudo guardar sem trair seu portador, de ser seletiva e de reinventar seu detentor: López inventou Perón, deslocou-o no tempo e inseriu-o em paisagens que nunca havia visitado, a ponto de o próprio general ser incapaz de reconhecer a si mesmo nas *Memórias*. A lógica que aparece no romance (MARTÍNEZ, 1988, p. 51) é a de que “o povo necessita de fábulas e sentimentos, não da argamassa cinzenta das doutrinas com as quais, muito a contragosto, precisou ser alimentado”. Assim, o biógrafo é um retratista capaz de dar mais brilho, de melhorar a imagem do retratado, criar ou omitir personagens e lugares no tempo e no espaço. Não há verdade alguma no retrato, senão a essência de uma das muitas verdades possíveis e que é sempre referida, mas nunca revelada com a exatidão que se espera mas que não

existe. Os detalhes incômodos são “soprados para fora” das *Memórias* oficiais. Nesse sentido López é como Tucídides ao narrar a guerra do Peloponeso, preenchendo as lacunas deixadas pelos lapsos naturais da memória, construindo documentos, retocando a face do retratado, dando-lhe um ar sóbrio, heróico, grandiloqüente. López era o pintor retratista da corte de Perón:

Interpretei bem o que o senhor pediu, meu general? O senhor desejava realçar os traços viris no retrato de seu pai e os femininos nos de sua mãe, não é? Nada de meio-termo. ( . . . ) Assim está bom – aprovava Perón. – Exatamente como eu queria. (MARTÍNEZ, 1988, p. 57 e 58)

Determinar suas origens é o passo inicial no sentido de estabelecer uma correspondência entre o estadista e o Estado, entre o líder político e a nação, entre o herói e o povo. O primeiro sinal que identificaria Perón com o povo argentino seria sua origem sarda e escocesa, por parte de seus bisavós. “A Argentina é um cadinho de raças” (MARTÍNEZ, 1988, p. 52) e nesse sentido Perón é a Argentina e a Argentina é Perón: isso deveria ficar claro nas páginas das *Memórias*.

O processo de composição de sua imagem deveria passar obrigatoriamente pela construção de seus antepassados. A “planta da construção” aparece no *Romance de Perón* e é possível confrontá-la com as *Memórias* para verificar as correspondências, não que isso nos permitisse riscar os limites entre ficção e História. Na construção, Tomás Liberato, nascido aos 17 de agosto de 1839, teria sido o primogênito dos sete filhos de Tomás Mário Perón (o primeiro Perón a pisar o solo argentino) e Ana Hughes Mackenzie, os bisavós de Juan Domingo Perón. Segundo seu biógrafo oficial, em texto publicado pela revista *Panorama*, o avô de Perón teria sido senador nacional, representante da província de Buenos Aires, presidente do Conselho Nacional de Higiene, heróico major na Guerra do Paraguai, tendo desempenhado ainda missões na França e lutado bravamente na batalha de Pavon. Ocorre que sua participação na Guerra do Paraguai já havia sido contestada por historiadores, a partir de registros nos quais constava que Tomás Liberato estaria, no mesmo período, ferido no Banco de Sangue improvisado de Buenos Aires, além de ter sido, em 1868, deputado provincial e não senador (MARTÍNEZ, 1988, p. 54).

A falácia denunciava que Perón desejava dar um brilho falso a seu avô, mas por quê? Para dar um ar grandiloqüente à sua origem política e militar, constituí-la como um evento cumulativo a atos heróicos e sagazes de seus antepassados, postá-la na ordem dos estamentos, da hereditariedade, introjetá-la no sangue. “- É preciso colocar as montanhas onde se quer, Juan. Onde você as colocar, ali elas ficarão. Assim é a História. ( . . . ) A História ficará com a verdade

que eu estou contando” (MARTÍNEZ, 1988, p. 55). E arremata Martínez (1988, p. 55), por meio do personagem López Rega: “Todos os homens têm o direito de decidir o futuro. Por que você não terá o privilégio de escolher o passado?” O trabalho de López era consertar-lhe os deslizes, construir uma história verdadeira, que de fato seria aquela “. . . que devia ter acontecido, aquela que, sem dúvida, prevalecerá” (MARTÍNEZ, 1988, p. 60). A tentativa de construção de uma tradição militar para o avô se fincava na ausência desta para o pai. De origem urbana e comercial, depois camponesa, Mário Tomás Perón, nascido aos 9 de novembro de 1867 havia interrompido os estudos de medicina e, em 1890, mudou-se para Lobos a fim de ocupar as terras herdadas de seu progenitor, onde aos 8 de outubro de 1895 nasceu Juan Domingo Perón.

No afã de demonstrar a grandeza dos antepassados de Perón, o personagem López de Martínez (1988, p. 81 n.d.r.) ultrapassou todos os limites, inclusive os da coerência e da lucidez, recorrendo ao esoterismo para buscar a heroicidade requerida nas vidas passadas de Perón:

Em 1971, José López Rega revelou que o nascimento de 1895 correspondia, na verdade, à Quinta vida de Juan Domingo Perón. Nas anteriores, ele havia sido Per-O, uma rainha egípcia cujo nome significa “A Casa Grande” e que governou as aldeias do Alto Nilo, 3 500 anos antes de Cristo; Rompe, o peixe cujo bico é uma espada elétrica e que vive nas fossas marinhas situadas a leste da ilha Desengano; Norpe, um dogue que mordeu Marco Polo em Catay e pagou pela afronta sendo envenenado com pó de vidro; e o sacerdote jesuíta Dominique de Saints-Pères, que foi mestre de Descartes no colégio de La Flèche, e morreu fulminado por um raio na propriedade de Perron, onde era hóspede de seu discípulo. Em 1980, Perón admitiu que havia assinado alguns de seus artigos com o pseudônimo de Descartes: “O filósofo usou meu nome (Perron) e quero retribuir-lhe a gentileza”, justificou.

Caso as informações estejam confusas apesar da riqueza de detalhes, recapitulemos: rainha do Egito em 3500 a.C.; peixe espada; um cachorro que mordeu Marco Pólo; mestre de Descartes. De fato o trabalho de construção de um passado glorioso pelo biógrafo deve ser mais fácil quando se pode recorrer a outras encarnações do mesmo personagem. Resta à metodologia científica normatizar citações para o caso de a recorrência a fontes de além-túmulo vir a se tornar corrente no meio historiográfico. Com isso o foco de Lopez é ampliado de um passado recente que cria e recria, para um passado ainda mais longínquo de eras de existência. Não importa, nenhum deles aconteceu mesmo!

“O Perón oficial já está sendo esvaziado. Devemos procurar o outro” (MARTÍNEZ, 1988, p. 39). Desta forma a imprensa entra também na contenda pela imagem de Perón,

auxiliando no processo artificial de sua construção e mitificação. Esse processo foi revigorado por um anseio geral da população argentina em visitar a imagem do general e reafirmar sua devoção ao mito que encarnava. O que a imprensa fez foi devolvê-lo como um bem de consumo de massa por meio de publicações exclusivas, suplementos de jornais e revistas e tiragens extras lançadas nas vésperas do regresso de Perón. É o caso das revistas: *Panorama*, que publicou dados biográficos escritos por López; e *Horizonte*.

Cerca de 3 mil militantes das Forças Armadas Revolucionárias (FAR) e montoneros tomaram o aeroporto para a “Operação 20 de julho”, com faixas, palavras de ordem e um verdadeiro plano de guerra para posicioná-las defronte ao palco para onde iria o general após sua aterrissagem. O objetivo era tomar os 300 metros logo à frente do palco, protegido por um cordão de policiais, ganhar a simpatia do líder político no primeiro momento possível e fazê-lo então, por pressão das massas, converter a Argentina em uma pátria socialista.

A estratégia incluía ainda ganhar Perón com palavras de ordem, cuidadosamente preparadas e ensaiadas, como uma saraivada de idéias que deveriam ser disparadas frontalmente na direção do general. As rimas incluía (MARTÍNEZ, 1988, p. 72, 73, 351, 352): “Vamos a Ezeiza, vamos compañero / a recibir a un viejo montonero”; “Vamos a hacer la patria peronista / pero la haremos montonera y socialista”; “Haremos una patria peronista / pero que sea montonera y socialista”; e então o refrão revolucionário: “Ayer fué la resistencia / hoy Montoneros y FAR / con Perón yendo a la guerra / a la guerra popular”. Esses grupos tinham, além do sindicalismo burocratizado, outros inimigos comuns, como o isabelismo, que deveria ser combatido em alto e bom som com a exaltação da figura de Evita: “Perón, Evita / la patria socialista! Evita hay una sola / no rompam más las bolas”; “Perón, coraje (...) / Si Evita viviera / sería montonera! Si Evita viviera!” (MARTÍNEZ, 1988, p. 223).

Os trezentos metros a frente do palanque eram vitais. Para montoneros e FAR’s “. . . o caminho revolucionário passava por Perón” (MARTÍNEZ, 1988, p. 67), e Perón deveria ser conquistado ali mesmo, em Ezeiza. Martínez (1988, p. 77) os descreve como se tivessem parado no tempo, como se pensassem que o Perón de 1973 seria o mesmo de 1955, como se o próprio peronismo ainda fosse o mesmo de outrora, e se pergunta através do personagem El Cabezón, diante dos 3 mil companheiros que marchavam para a conquista da região defronte ao palanque: “. . . em que país vamos colocá-los [?]”.

Havia o movimento formado por marxistas da Quarta Internacional, o “ERP 22 de agosto”. Havia os esquadrões da Juventude Sindical que circulavam em meio à multidão, com revólveres em punho, formando verdadeiros cordões humanos. Ezeiza estava repleta também das hostes reacionárias, seguidores do secretário José López Rega.

Os agentes da burocracia sindical vestiam braçadeiras verdes, armados com mangueiras recheadas de chumbo; outros fascistas protegiam o palanque e tinham como missão manter montoneros, FAR’s e qualquer outro grupo de esquerda distante à força; atiradores de elite estavam a postos com alvos claros; batalhões de policiais guarneciam as rotas de acesso ao aeroporto, as mesmas onde depois foram encontrados militantes de esquerda enforcados nas árvores que margeavam as vias de acesso; e os postos sanitários cujas ambulâncias investiram com agentes armados em seu interior contra a massa montonera e as FAR’s que ganharam heroicamente a frente do palanque onde se esperava ver Perón.

Se o lema dos montoneros era “Perón o muerte”, os fascistas negaram-lhe o primeiro e se preparavam para dar-lhes o segundo. Os lacaios de Rega armavam-se no palco onde deveria já estar discursando Perón; atiradores de elite se posicionavam sobre os postes dos telégrafos, já fechando a mira de seus fuzis leves em seus respectivos alvos; os trogloditas com braçadeiras verdes sacavam seus cacetetes... Um estampido seco então foi ouvido em meio às palavras de ordem montoneras e deu-se em seguida o início ao massacre.

História ou ficção? Trata-se da ficção que tomou emprestada a história para desenvolver sua trama reinventando a própria história. Entender as tensões existentes entre o conjunto de forças que conformavam a cena política argentina no período da volta do peronismo ao poder em 1973, mesmo que no universo fantasioso de um romance-histórico, ajuda-nos a melhor entender o próprio fenômeno do peronismo, que projetou a imagem de Perón agigantando-a como uma esfinge, fitando-nos de forma inquisidora e impondo-nos a pergunta: como o menino de Lobos, que se tornou general, galvanizou corações e mentes de toda uma nação, abarcando grupos e interesses tão conflitantes.

Tudo parecia caber no peronismo, menos o apático e relutante Perón de 1973 descrito por Martínez e não reconhecido por seu próprio povo: a imagem criada já era diferente demais do próprio Perón. É o que aparece nas palavras do camponês anônimo (1988, p. 77): “- Esse homem não pode ser Perón”. Na construção da imagem do líder e herói político edificada pelo autor,

Perón não queria voltar à Argentina e com aflição aguardava o dia de seu embarque à Ezeiza. A Argentina não era mais o seu mundo, era o passado assim como sua própria imagem... O Perón cauteloso, deslocado em relação ao peronismo atualizado, determinou seu sepultamento antes mesmo da morte que o arrebataria de fato na madrugada de 3 de julho de 1974. Em Buenos Aires não havia um bravo estadista disposto a romper com as velhas engrenagens decadentes de poder, havia um *mort-vivant*. Nas palavras do personagem Romero (MARTÍNEZ, 1988, p. 106): “- É um ancião de quase setenta e oito anos; basta empurrá-lo, com delicadeza”.

Não só no romance como na vida, na farsa como no drama, Juan Domingo Perón tornou-se uma entidade abstrata e estranha ao próprio peronismo. Visivelmente o Perón de 77 anos aparece no romance, ao voltar a Buenos Aires, desejando pertencer mais a si mesmo do que aos outros, mas essa possibilidade não lhe parecia mais possível. Durante toda a sua vida sua imagem havia sido construída a partir dos anseios e desejos de diferentes classes; cada vez mais o peronismo se afastava de Perón; talvez o próprio Perón não participasse mais da contenda por si mesmo, ou não quisesse estar no centro dela.

No *Romance de Perón* (p. 276) e no que convencionamos como “vida real” o general “não era um simples homem. Eram vinte anos de Argentina . . .” Entender sua biografia, mesmo que a partir de um romance-histórico, permite-nos entender uma parte significativamente constitutiva da própria Argentina. Permite-nos olhar nos olhos da esfinge e tentar responder-lhe o enigma, sabendo de antemão que seremos por ela devorados.

### **Bibliografia:**

ARFUCH, Leonor. *O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea*. Rio de Janeiro: EdUER, 2010.

CRASSWELLER, Robert. *Perón y los enigmas de la Argentina*. Buenos Aires: Emecé, 1988.

DOSSE, François. *La apuesta biográfica: escribir una vida*. Miñana. Valencia: PUV, 2007.

LITTLE, Walter. “La Organización Obrera y el Estado Peronista, 1943-1955”. *Desarrollo Económico*. Buenos Aires, out-dez. 1979.

MARTÍNEZ, Tomás Eloy. *O romance de Perón*. São Paulo: Editora Best Seller, 1988.



Simpósio Internacional Pensar e Repensar a América Latina- PROLAM/USP  
ISBN: 978-85-7205-133-01

\_\_\_\_\_. *Las memorias del General*. Buenos Aires: Planeta, 1996.

\_\_\_\_\_. *Las vidas del General*. Buenos Aires: Aguilar, Altea, Taurus, Alfaguara, 2004.

NEIBURG, Frederico. *Os intelectuais e a invenção do peronismo*. São Paulo: Edusp, 1997.